



O TRABALHADOR

Ordão dos Operarios da Cia F. & T. SÃO PEDRO.

Redação-Administ. Rua 21 de Abril-153 - Número do Dia = Cr. \$ 0,40

Redator: Antonio Lourençato

Diretor Responsavel: Ermanno Ammirandoli

Diretor-Secretário: Luiz Guido

Ano IX

ITU - SETEMBRO DE 1956

Num. 129

A descoberta da América

Dia da Padroeira

Luís Colanéri

Da Ass. Campineira de Imprensa

Mais um ano completa a 12 de Outubro este vasto continente, que a despeito de tão pouca idade, já se constituiu em celeiro do mundo. Possuímos, aqui no Brasil — florão da América — vastas áreas inexploradas e continuamos recebendo imigrantes dos mais longínquos pontos do globo. Gentes de todas as raças aqui vivem e prosperam. Damos ao mundo os mais belos exemplos de solidariedade e fraternidade. Somos um povo destituído de preconceitos e aqui as raças se misturam e se confundem no caldeamento do homem de amanhã. Todos os que aqui nascemos, somos brasileiros sem distinção de espécie alguma. Cristóvão Colombo, o intrépido navegante que descobriu essa imensa gleba, não chegou a ser um homem feliz. Passou longos anos expondo o seu plano sem encontrar um chefe de Estado que quisesse associar-se à glória do descobrimento em câmbio de uma subvenção oficial. Paciente e submisso, suportou com elevação de ânimo todas as humilhações que lhe impuseram, antes e depois do descobrimento da América.

Até hoje, ainda se promovem investigações visando determinar o ponto exato da América em que desembarcou o náuta genovês. Dão os compêndios de História a ilha de São Salvador, do arquipélago das Lucárias, como local de desembarque a 12 de outubro de 1492. Outros pretendem seja fixado esse ponto na ilha Guanahane, nas Bahamas meridionais. Há ainda outras versões, conquanto nada de positivo se haja afirmado. Importa lembrar que Cristóvão Colombo foi um gênio que viveu atormentado com a ignorância de seus contemporâneos que não davam crédito à sua idéia. A própria personalidade do genial navegante é ainda controversa no julgamento dos estudiosos.

Uma coisa porém, pode-se afirmar com segurança: Colombo foi um fervoroso cristão e isso lhe valeu o apóio da rainha Isabel, que lhe proporcionou meios para a realização de seu sonho. Depois de haver dado ao mundo a prova indiscutível de sua capacidade, foi Colombo vítima da injustiça dos homens.

Perseguido, preso, maltratado, pobre, pagou muito caro pelo crime de ter sido inteligente demais para a

sua época. As cinzas do descobridor da América também sofreram diversas translações, indo de Sevilha a São Domingos, depois para Havana para retornar novamente em Sevilha. Apenas um país da América que êle descobriu, lhe ostenta o nome: Colômbia.

Ainda no ano p. passado, os jornais anunciaram a reabertura da igreja de Santo Estêvão, na Gênova antiga, onde Cristóvão Colombo foi batizado em 1413. Certos historiadores se mostram intrigados pelo fato de ter Cristóvão Colombo sido protegido pela rainha e não pelo rei. O motivo que levou Isabel de Castela a financiar e prestigiar tão relevante quanto ousado empreendimento é muito simples e devia ter sido objeto da mais ampla divulgação.

Era a rainha Isabel, uma senhora piedosa, dotada de grande saber e muita energia, e a ela deve a Espanha a sua unidade nacional. Reinou durante trinta anos, nos quais prestou valiosa colaboração a seu real esposo Fernando de Aragão. Foi a união de Castela e Aragão que tornou a Espanha uma grande potência. Depois que Cristóvão Colombo foi considerado «lunático e visionário» por D. João III de Portugal; depois de lhe ter sido negado o apóio do rei de Inglaterra, Henrique VIII, recorreu aos reis católicos de Castela e Aragão, que a princípio também lhe negaram apóio. Colombo, que era Terceiro Franciscano, encontrara refúgio e proteção no Convento de Rábida. Foi por intermédio do prior desse Convento, Frei Juan Pérez Marachena que Colombo foi recebido pela terceira vez, na sala do trono de Castela, quando se decidiu a realização da viagem que resultou no descobrimento do novo mundo. Isabel, a Católica, pertencia também à Ordem III Franciscana e essa era a afinidade existente entre a poderosa rainha e o genial descobridor. Tomou a rainha sobre seus ombros a responsabilidade total, visto como governava o seu reino de Castela separadamente, mesmo sendo casada com Fernando de Aragão que, por sua vez, dirigia os seus próprios domínios. Eis a razão porque coube à rainha a glória desse descobrimento, que se deu sob as bênçãos do Franciscanismo.

O mês de Outubro é parti-

cularmente caro aos brasileiros em geral. Na data da descoberta da América celebra-se a festa da Padroeira do Brasil, Nossa Senhora da Conceição Aparecida. A festa de São Francisco de Assis, comemora-se a 4 de Outubro e a Imaculada Conceição é a especial Padroeira dos Franciscanos. É Outubro ainda o mês do Rosário, em que a Igreja evoca a figura excelsa de São Domingos, fundador da Ordem dos Pregadores, que foi contemporâneo e amigo de São Francisco de Assis. Todos conhecemos aquêle conjunto de imagens em que figura em primeiro plano a Senhora da Conceição, tendo à frente, genuflexos, os dois Patriarcas famosos. É natural, pois, que nos rejubilemos neste mês de outubro, tão grato a todos os brasileiros.

Aos trabalhadores temos também uma palavra do Seráfico de Assis, anotada em seu testamento: «Eu trabalho com as minhas mãos e desejo trabalhar; e absolutamente imponho a meus frades que se ocupem em trabalhos honestos.»

Na verdade, o Patriarca não escolhia serviço: pedreiro, ferreiro, hortelão, chegou mesmo a carregar pedras para a construção do templo e pregar a palavra divina ao mesmo tempo. Todo serviço tem a sua nobreza, desde que seja honesto. Todos devem trabalhar, cada um segundo as suas possibilidades, porque todos têm o dever de prover o seu sustento com o fruto do trabalho e proporcionar o bem estar à família e a seu semelhante.

Aí esta a lei boa e justa.

PÁTRIA

Humberto de MATTOS

Talvez não haja escolar algum, de ontem e de hoje, que não tenha, sempre vivo, na imaginação, o semblante suave do Patriarca da Independência, na reprodução litográfica do famoso painel de Boulanger. Na delicadeza dos seus traços, na expressão meiga dos seus olhos, sente-se como que a presença conselheiral de um homem que, morto, continua sendo um símbolo da pátria pela qual batalhou até romper as algemas que a prendiam ao jugo estrangeiro. Vale mais do que o texto, muitas vezes confuso dos livros, a pintura de um perfil ou de um acontecimento histórico, para inocular nos corações da juventude a verdadeira concepção de pátria. Caxias, Feijó, Rio Branco e outros vultos de nossa gloriosíssima história conservam suas fisionomias gravadas em nosso pensamento, tal qual as vimos, emolduradas, nas paredes de nossas antigas salas de aulas ou estampadas nos livros didáticos a que recorremos para estudo de assuntos pátrios. Conhecemo-las, familiarizamos com elas, como se houvésemos vivido contemporaneamente com esse heróis nacionais. E que são Caxias, José Bonifácio, Feijó, Rio Branco, senão a própria pátria?

Pátria são os seus grandes homens, os que sabem amá-la e defendê-la, honrá-la e engrandecê-la, prestigiá-la e disputá-la à cobiça do aventureiro. Pátria são os feitos dos nossos antepassados, é a epopéia das nossas «bandeiras» é o alargamento que os paulistas realizaram do bloco territorial, é o gênio da raça, é a penetração nos sertões

bravios, é a luta contra as febres e as feras, é a catequização do gentio, é a travessia dos paúes, é o contacto com a selva inóspita, é o sonho de esmeraldas acalentado por Fernão Dias Pais, é rechassar as forças de um Lopes, são as baionetas cintilando ao fragor da vitória em Monte Castelo, é o sangue derramado pela Liberdade, é o supremo sacrifício dos que se sepultaram no cemitério de Pistóia...

Pátria! Pátria, para nós, que nascemos e crescemos mimados por uma Natureza que, assim encantadora, assim mágica, só nós a possuímos, Pátria é um divino privilégio! Pátria é o Cruzeiro do Sul quase a aquecer-nos com o calor das suas estrélas! Pátria é ainda, a generosidade de nossa gente; alma dos de nosso sangue, sangue latino adaptado às rudezas tropicais! Pátria é o próprio Trópico, a efervercer-nos nas veias! É a religiosidade no seu invulnéravel curso cristão. É a virtude da Mulher Brasileira! Toda essa sensação de pátria, todo esse delírio procurado e desejado de pátria, nós o sentimos, diante de um simples retrato daqueles que souberam, pelo seu patriotismo, transformar-se numa parcela sólida, massiça, consistente, da nacionalidade, tal a ligação dos seus nomes à terra que lhes serviu de berço.

Que dizer, então, diante do histórico quadro de Pedro Américo, «O Grito do Ipiranga»? Haverá cena mais impressionante, mais real, mais perfeita em traços pitóricos, que nos dê a imagem do monumental acontecimento? Aquêle carro de bois,

com o carreiro à frente, em típica demonstração de ingenuidade, de simplicidade, e de bondade provinciana... Que pensaria o patricio nosso, estacado, de pés no chão, calças arregaçadas, diante do tropel? Cavalos alvoroçados, resfolegantes, como que participando galhardamente do feito, cavaleiros riscando o ar com as suas espadas ponteadas, enquanto os bois filosofam, na sua eterna calma, na sua proverbial atitude passiva... Uma choupana ao lado, tugúrio rústico, à moda do tempo, ninho, talvez, de felicidade, invejado por palácios de requintada nobreza... Testemunha silenciosa do tumultuoso sucesso... E, por fim, o irrequieto D. Pedro, carecedor de melhor elucidação da sua complicada história, elegantemente sentado no dorso do seu corcel, a pronunciar a frase célebre: «Independência ou Morte!» A tela genial do mestre paraibano fala mais alto e com maior esplendor do que muitos livros de letras miúdas e baralhantes. Ela impressiona pelas suas linhas, convence pela realza do fato e conforta pela certeza da liberdade conseguida. Ela revive uma parábola poética do quinhão pátrio, denunciando, com a claridade e a propriedade das suas tintas, a própria hora solar e, com a indiscreção do gênio pitórico, uma cena bucólica, surpreendida nos seus momentos, podemos dizer, de idílio.

Sendo o nosso maior acontecimento histórico, não podia deixar, a eclosão do Ypiranga, de se incluir na letra do Hino Nacional. Os versos épicos da Osório Duque Estrada saem nos dos lábios, como que instintivamente: «Ouviram do Ipiranga às margens plácidas, de um povo heróico o brado retumbante. E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos, brilhou no céu da pátria nesse instante». Ao cantar essas tão lindas musas, de novo a imaginação se volta e se fixa no magistral painel de Pedro Américo. É a sedução da terra sobre o filho. É a tentação da paisagem brasileira. Quase se chega a ouvir o ranger das rodas do pesado carro, puxado pelos bois molengos e tristonhos, contrastando, em suas notas cadenciadas, com a patriótica exaltação de Francisco Manuel... Mesmo neste momento em que lhe falo, existirá alguém, entre os que me escutam, que não possua, na imaginação, segundo pintou Pedro Américo, o espetáculo magestoso do Ipiranga? Pois esse quadro deslumbrador, que focaliza, em um ponto feliz de todo o seu imenso geográfico, a Pátria Brasileira redimida, representa o termo de uma campanha longa, persistente, perseverante, e chela do mais alto civismo, com o advento do «Grito do Ipiranga», que constitui a maior realização política da história.

A coragem consiste em se manter, entre a temeridade e o temor, justamente no meio termo indicado pelo bom-senso: o homem corajoso espera o perigo com calma e só se expõe quando a honra ou seu dever lho ordenam.

ARIOSTO

Constituição Brasileira

Em atenção ao telegrama recebido do deputado federal, Ulisses Guimarães, promoveu a Câmara Municipal de Itú brilhantes festividades em comemoração ao transecurso do decênio da promulgação da Constituição Brasileira.

Foi elaborado carinhosamente um programa, ao qual o harmonioso Orfeão do Colégio Estadual e Escola Normal «Regente Feijó», emprestou muito do seu brilho.

Deu início à sessão o Hino Nacional, a 3 vozes, sob a regência do maestro, prof. Luís Gonzaga da Costa Júnior. Ao terminar, aplausos calorosos se fizeram ouvir no recinto, traduzindo a admiração dos presentes.

Aberta a sessão foi lido o documento de que se originaram as comemorações, o telegrama enviado pelo Presidente da Câmara dos Deputados Federais, Ulisses Guimarães. Ocupou a tribuna a Secretária da Câmara Municipal de Itú, Dra. Maria Lúcia de Marins e Dias, que proferiu vibrante oração, onde evocou as diversas datas de outras Constituições. Prorrompeu em aplausos a assistência, ao aludir a oradora a nossa terra.

Dando ao local um ar ainda mais festivo, sempre com perfeição, executou o Orfeão mais um número; «Heranças de nossa raça». A letra do hino, vibrante de patriotismo, pôs enlevados todos os ouvintes.

O vereador Ulisses de Moraes proferiu expressivo discurso. As suas palavras finais foram um incentivo ao povo brasileiro a que prestigiem a Constituição.

Novamente encantou os presentes a maviosa interpretação do hino folclórico, «Dão, dem, dão». Ainda outra vez nos foi dado evidenciar a competência do abalisado maestro, prof. Luís Gonzaga da Costa Junior.

Patenteou o Dr. Felipe

Nagib Chébel a conveniência de uma situação de calma, lembrando os maléficis efeitos de movimentos que provoquem desordens.

Enalteceu a pessoa do Dr. Geraldo Amarral Arruda, M. Juiz de Direito desta Comarca, disse da responsabilidade que acarreta tal cargo.

O Dr. Geraldo do Amaral Arruda, M. Juiz de Direito, por sua vez discursou durante longo espaço de tempo. De suas palavras, entre outros tópicos, registramos aquelas que dizem da necessidade de se traçar uma norma de vida correta. Revelou pela profundidade de sentido e linguagem apurada de sua oração, uma erudição invejável. Finalmente o sr. Luiz Guido, DD. Presidente da Câmara, em breves dizeres, agradeceu a presença de todos que ali se achavam. Compareceram às festividades autoridades civis, militares e o sr. Vitor Bombana, representante do Revmo. Vigário da Paróquia. Honraram as festividades com sua presença os srs. Cel. Araken de Oliveira, Comandante do Regimento Deodoro, Cap. Evando Mureb, DD. Vice Prefeito Municipal, Prof. João dos Santos Bispo, DD. Diretor do C. E. E. N. Regente Feijó e outras autoridades escolares.

Com o entoar do Hino Nacional, deu-se por encerrada a sessão.

As emissoras locais, dando belo exemplo de cooperação, irradiaram as comemorações.

Valemos da oportunidade para felicitar a edilidade ituana pela feliz iniciativa de se comemorar condignamente o transecurso do décimo aniversário da promulgação da Constituição dos Estados Unidos do Brasil.

A. J. Brandão Filho

Felicitemos calorosamente o lar feliz do sr. Antônio José Brandão e sua exma. esposa Dona Maria Aparecida Ferreira Brandão, pelo nascimento, ocorrido a 15 de setembro corrente, em São Paulo, do robusto menino que recebeu o nome de Antônio José Brandão Filho, a quem desejamos as melhores venturas.

Essa felicidade atinge aliás, o lar do nosso distinto amigo sr. Joaquim de Carvalho Brandão, abalisado chefe dos escritórios da Fábrica São Pedro e sua exma. esposa Dona Adelina de Francisco Brandão, dignos avós paternos de Antônio José, que em companhia do sr. Tito Lívio Ferreira e exma. sra. Gertrudes Wöhlens Ferreira, avós maternos, fazem jus às efusivas homenagens que, por êste intermédio lhes dirigimos.

Aniversariantes de outubro

Dia 1 — Felipa Sotto Martins, Antonio Lopes, Nelson Furlan e Maria Tavares Palermo.

Dia 2 — José da Silveira, Benedito Belofa e Maria Estela Bardieri.

Dia 3 — Antonia Pinto Franco.

Dia 4 — Alzira da Silva.

Dia 5 — Maria Aparecida Boni, Alice Tomas Dezidera, Francisco Barreto e Elza de Castro Almeida.

Dia 6 — Nicanor da Costa.

Dia 7 — João da Silva Oliveira.

Dia 8 — Antenor Ferreira Gandra, Antonia Russafa Gomes, Dirce Maria Mateus e Joaquim E. de Arruda.

Dia 9 — Benedita Rodrigues Avila, Carmelina Vitorio, Orlando Pinto e Benedito do Amaral.

Dia 10 — Terezinha de Jesus Pauleto, Luiza Aparecida de Falco, Osvaldo

Vieira Cordeiro e Elza Vasconcelos.

Dia 11 — Maria Almeida Pedro Pedroso e Tereza de Jesus.

Dia 12 — Reinaldo Benedito Rizzi e Sebastião Ferreira de Lima.

Dia 13 — Mercedes Boff Maria Antonia Sampaio, Maria Aparecida Bianchini e Joana Francisca Hermaui

Dia 14 — Olga Benediti, Aparecida Fioqui, Benedito José Bernardes, Cirilo de C. Prado e Nélida de Campos.

Dia 15 — Lazaro Borges Ribeiro, Jacir de Almeida Ana Fagundes, Moacir Pinto Maria da G. Rodrigues Maria de Lourdes Silveira

Dia 16 — Margarida de Andrade, Antonio Rodrigues.

Dia 17 — Maria Antonia de Andrade e Rosaria do Amaral.

Dia 18 — José de Abreu e Mariana Leme Cardoso.

Dia 19 — Dalva Vieira da Silva e Benedito Tavares Avila.

Dia 20 — José Anchieta Duarte, José de Carmo Borges, Antonio das Neves Raimundo, Luiz Eliaz Ca-

A leitura de um bom livro

Pode modificar os rumos de sua vida

O guerreiro Inácio de Loyola, ferido numa perna em duro combate, teve de ficar meses imobilizado numa cama, em lugar êrmo, na Espanha.

Ali só encontrou um livro, um único livro para lêr: leu-o e releu-o. Essa leitura modificou os rumos de sua vida, fez dele o futuro Santo Inácio, um dos Santos que abalaram o mundo e que até hoje influem de maneira assombrosa em nós, através da Companhia de Jesus, os abnegados jesuítas, que trouxeram ao Brasil a civilização cristã.

A leitura de um bom livro pode modificar os rumos de nossa vida.

Abraão Lincoln, depois de trabalhar 10 horas por dia como lenhador, estudava em livros velhos e rasgados que obtinha, foi o maior Presidente dos Estados Unidos e um dos maiores vultos da democracia no mundo.

Quantas pessoas não encontram num livro a resposta aos seus anseios, à curiosidade, aos seus problemas?

Quantas outras não encontraram num livro um meio de progredir, de melhorar ou mudar de posição, de ganhar sua subsistência?

LEIA E ACONSELHE A LER, CARO LEITOR!
Estará fazendo um benefício a si e aos seus semelhantes!

margo, Lourdes Luchs e Neusa Guarnieri.

Dia 21 — Maria A. Vicente, José de Campos.

Dia 22 — Joaquim Benedito Soares, Alzira de Paula Aguiar e Geraldo Barbieri.

Dia 24 — Elza Moreira e Benedito de Mello

Dia 25 — Otavio Schreier, Irma Alves Pacheco, Olga Dias, Roberto Ribeiro e Maria de Lourdes Corrêa.

Dia 26 — Milburges de Lima e Ercilia Silveira Moraes.

Dia 27 — Maria de Lourdes Silveira, Antonio Barbosa, Terezinha do M. J. Soares e Ademir Rodrigues.

Dia 28 — José Venancio de Andrade, Amabile Daniel e Isolina Rosa.

Dia 29 — Vicente Branco

Dia 30 — Eliza Belatto e Manoel José dos Santos.

Dia 31 — Mario Paulino, Roque Bochini, Terezinha de Jesus Mazzulo, Alberto Vanucci e Terezinha Gaviolli.

Aos aniversariantes os cumprimentos e votos de felicidades de O Trabalhador,

Mecanica e Fundição Irmãos Gazzola S A

RUA CAPITÃO FLMING, 245 - ITU - TELEFONES, 412 e 405

A maior oficina de fundição do Estado

Fabricação de utensílios para indústria textil = Fabricantes dos melhores teares nacionais
Esta indústria dispõe de técnicos especializados para atender o mais exigente freguês.

Representantes de Rádios e Refrigeradores - Últimos modelos a preços baixos.